**ENSINO RELIGIOSO E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS:**

**O enfrentamento da intolerância a partir do modelo discursivo**

***Fabiano Aparecido Costa Leite****[[1]](#footnote-1)*

**Grupo de Trabalho (GT):** GT 6 - Ensino Religioso, Culturas e Religiões Afro-brasileiras

**RESUMO**

As religiões afro-brasileiras sofrem duplamente a supressão de seu próprio discurso, uma vez que no Brasil o racismo velado é uma importante estrutura para tentar manter negros em lugares de subserviência, e diversas forma de religiosidades cristãs muitas vezes utilizam-se desse racismo como propulsor da intolerância com religiões que têm suas principais argumentações teológicas vindas de África.A partir dessa fundamentação, observaremos como os discursos de interdição contra as religiões afro-brasileiras são realizadas de forma simples e eficientes e que atuações sobre o tema poderão servir de estratégias combativas, levando em consideração o agir docente no contexto da Lei 9.475.

Palavras chaves: Ensino Religioso; Análise do Discurso; Religiões afro-brasileiras

**ABSTRACT**

Afro-Brazilian religions suffer doubly from suppression of their own discourse, since in Brazil veiled racism is an important structure to try to keep black people in places of subservience, and different forms of Christian religiosities often use this racism as a driving force. of intolerance towards religions that have their main theological arguments coming from Africa.Based on this foundation, we will observe how the speeches of prohibition against Afro-Brazilian religions are carried out in a simple and efficient way and that actions on the subject can serve as combative strategies, taking into account teaching actions in the context of Law 9,475.

Keywords: Religious Education; Discourse Analysis; Afro-Brazilian religions

**1 Introdução**

Uma das questões sobre grupos minoritários e que eles são sistematicamente silenciados, suas vozes não ecoam pela sociedade, e suas vozes são suprimidas pelo poder que invariavelmente desenvolve sofisticadas estratégias de narrativas sobre esses grupos que acabam se tornando a ideia comum sobre eles, e muitas vezes, inclusive, entre eles.

As religiões afro-brasileiras sofrem duplamente dessa supressão de seu próprio discurso, uma vez que no Brasil o racismo velado é uma importante estrutura para tentar manter negros em lugares de subserviência, e diversas forma de religiosidades cristãs muitas vezes utilizam-se desse racismo como propulsor da intolerância com religiões que têm suas principais argumentações teológicas vindas de África.

Nesse artigo, utilizaremos como referencial teórico Michel Foucault, mas especificamente seu texto “A ordem do discurso” para entender como o profissional do Ensino Religioso Escolar pode atuar para que não seja, inclusive, agente da manutenção da intolerância e do racismo ao qual os praticantes das religiões afro-brasileiras estão expostos diariamente, inclusive dentro do ambiente escolar, onde silenciar-se é uma prática de sobrevivência social.

Para isso, precisamos entender a relação entre a Análise do Discurso Francesa onde Foucault está inserido e a atuação do professor de Ensino Religioso Escolar, que é regulada pela Lei 9.475 que estabelece em seu artigo primeiro que é “assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. ”

Ou seja, inevitavelmente o professor de Ensino Religioso estará diante de conceitos das religiões afro-brasileiras, e será necessário informar e contextualizar essas religiões nas suas aulas a partir de diversos descritores da BNCC[[2]](#footnote-2) e dificilmente não encontrará na sua unidade escolar algum adepto dessas religiões, que possivelmente só serão conhecidos depois que se sentirem seguros para falar sobre o tema, pois estão acostumados a manterem sua religiosidade escondida, afinal, como menciona Foucault:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisso não há nada de espantoso, visto que o discurso [...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2010 p. 10)

Entendemos que essa luta pelo poder ocorre também na escola, embora não foi criada para a escola. É uma luta pela interdição de toda e qualquer possibilidade de dar boa visibilidade as religiosidades afro-brasileiras. Essas estruturas de interdição do discurso permeiam os muros da escola, e não seria diferente, uma vez que a escola está inserida no contexto sócio cultural brasileiro.

A partir dessa fundamentação, observaremos como os discursos de interdição contra as religiões afro-brasileiras são realizadas de forma simples e eficientes e que atuações sobre o tema poderão servir de estratégias combativas, levando em consideração o agir docente no contexto da Lei 9.475.

**Interdição**

Os educandos aprendem muito cedo as estratégias de interdição das religiões afro-brasileiras a partir dos discursos religiosos do seu entorno social, existe uma palavra em seu vocabulário que expõem todos esses discursos: macumba.

O termo macumba é usado com familiaridade por educandos de diversas congregações cristãs, inclusive por aqueles que não estão ligados diretamente ao cristianismo. Evocar a palavra macumba, é dizer sobre um fazer mágico, oculto, perverso e mal, que sugere que alguém ou algo está realizando algum processo que não se enquadra dentro da bondade. Embora seja apenas uma palavra, ela é elaborada para emergir seus interdiscursos, o que nos remete a Maingueneau:

No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade externa; não é necessário que ele seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Ele se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. (MAINGUENEAU, 2008 pp. 36-37)

Ou seja, não é necessário mais nada ao dizer “isso é macumba”, pois vem à tona o entendimento de todos os outros interdiscursos que são evocados, afinal se existe a macumba, ela não é autônoma, é necessário produzi-la, deve haver um macumbeiro, e dentro do imaginário popular, constituído pelo conjunto de intolerâncias, esses são por sua vez os adeptos das religiões afro-brasileiras.

Apenas esse discurso é suficiente para silenciar os adeptos das religiões afro-brasileiras, pois ser macumbeiro é além de tudo um xingamento final, principalmente para os educandos do fundamental, onde as questões argumentativas passam fora dos seus contextos.

Basta evocar novamente e novamente os interdiscursos de macumbeiro para se apoderarem da interdição do outro, uma vez que “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (FOUCAULT, 2010 p. 49) e apresentado informalmente ao educando em diversos ambientes sociais, da escola ao lar, do mercado ao templo.

Por isso é de difícil combate, pois está em uma esfera da subjetividade do indivíduo, ele passa a acessar esse discurso automaticamente, acionando seus preconceitos, racismos e intolerâncias latentes, aprendidos nos diversos espaços de convivência(?) e cristalizados como uma verdade natural, de um mundo que é assim, sem criticidade do ato, apenas sua propagação.

**Intermediação**

Mas em algum momento na escola, haverá o encontro do professor de ensino religioso com as questões da cultura africana e consequentemente as religiões afro-brasileiras. Claro que há discentes que não se sentem preparados, seja por seu próprio fundamentalismo, porque não teve uma formação adequada sobre o tema ou ainda a pressão da comunidade escolar. Mas amparado pela lei, e pelo conhecimento que recebeu da sua formação, fará uma mediação entre essas religiosidades e os educandos, dos mais interessados aos que só querem usar o celular, dos intolerantes aos praticantes. A discente será a responsável por apresentar essas religiosidades, e saber o que falar e o que desenvolver e como será recebido é algo que aflige a todas e todos esses discentes.

Um embate comum nesse processo é o do repensar o discurso do macumbeiro. O professor normalmente solicita que essa palavra não seja mais usada e muitas vezes descrevem o que realmente significa a palavra macumba, conforme Cacciatore:

Antigo instrumento musical de origem africana, usado outrora nos terreiros afro-brasileiros. Era um tubo de taquara, com cortes transversais, onde eram raspadas duas varetas. O instrumento era seguro entre a parede e a barriga do tocador. Semelhante ao canzá. (CACCIATORE, 1977 pp. 166-167)

Muitos educandos utilizam também essa estratégia, tentando relatar o erro epistemológico para seus colegas, na tentativa de acabar com essa forma de se referir as religiões afro-brasileiras, mas evidentemente sem sucesso, pois no início do século XX já se designava os difusos movimentos religiosos afro-brasileiros urbanos do Rio de Janeiro comumente de macumbas cariocas.

Mesmo que fosse por causa do som das suas liturgias, o nome ultrapassou a etimologia e utilizado por seus detratores em um vocábulo popular para designar toda uma comunidade religiosa até os dias de hoje e ao mesmo tempo de qualidade dessas religiões.

Há, porém, diversas outras estratégias para o docente realizar essa intermediação, pois exclusivamente combater o discurso “é macumba” mostra-se infrutífero, primeiro porque a estratégia da etimologia não surte efeito nos educandos que estão fortemente enraizados nesse discurso. Até ouvem e explicação e entendem seu significado histórico, mas rapidamente voltam a prática intolerante, pois são estruturas que estão atuantes por muitos anos dentro da sociedade brasileira, e não por acaso, são incentivadas a permanecerem ativas.

Uma das estratégias é observar inclusive que a professora do ensino religioso é uma das poucas profissionais da escola que tem o direito na ordem do discurso a não ser interditado sobre a questão das religiões afro-brasileiras, o que Foucault determina de Rarefação:

Trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. (FOUCAULT, 2010 pp. 36-37)

Assim, embora o professor de ensino religioso não deixe de combater ou se contrapor ao discurso intolerante da macumba, ele deve também incluir no jargão dos educandos os nomes corretos dessas religiosidades afro-brasileiras, mobilizando-as para dentro do discurso, uma vez que o apagamento é uma estratégia dos fundamentalismos e não fazer parte desse processo é também dar a importância para os nomes das religiões que correspondem ao grupo afro-brasileiro.

Portanto usar a nomenclatura correta como Umbanda, Candomblé, Tambor de Mina, Batuque, Xangô, Jurema e diversas outras manifestações religiosas está fazendo com que a professora agora crie a Ordem do Discurso da sua disciplina, uma vez que a Rarefação do discurso da macumba passa a ser realizado, os educandos passam a não estranhar esses nomes, que na verdade, a pouco tempo nem conheciam.

Passamos além de desenvolver a nomenclatura correta dessas religiões, incluir a possibilidade dos educandos adeptos a não sentirem que estão interditados, podem dizer no espaço escolar sua religiosidade, assim como todos os outros passa a ser uma possibilidade, um lugar comum e um momento que podem também exercer sua cidadania.

**Considerações finais:**

De certo que a diminuição de todo o racismo e ignorância sobre as religiosidades afro-brasileiras é um percurso longo, contínuo e diversas vezes desafiadoramente frustrante. Além de usar os mecanismos que normalmente encontra no dia a dia das salas de aula, como lidar sempre com discursos intolerantes da macumba, é importante o professor de ensino religioso ter a possibilidade da Rarefação.

Quer dizer que precisa antes de tudo demonstrar sua capacidade de articular o currículo com os educandos e toda a comunidade escolar. Esse processo é possível quando existe uma vontade política da discente, que se coloca à disposição também das minorias, mas principalmente no aperfeiçoamento constante dos seus saberes dentro do currículo do Ensino Religioso Escolar a partir dos descritores da BNCC, além do vasto campo religioso, incluído o afro-brasileiro, pois se não ocorrerá em uma outra forma de interdição mencionada por Foucault, a do louco:

Ou caía no nada – rejeitada tão logo proferida; ou então nela decifrava uma razão ingênua ou astuciosa, uma razão mais razoável do que a das pessoas razoáveis. De qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito, ela não existia. (FOUCAULT, 2010 p. 11)

E normal que eventualmente algum discurso do discente seja colocado nessa categoria, uma vez que os seus posicionamentos estão em constante observação, medidos e escrutinados, afinal, é o tipo de disciplina que toda a comunidade escolar possui um saber a priori, em grande parte desenvolvidos como verdades (lucidez) na própria ortodoxia religiosa que convive.

Então podemos dizer no Ensino Religioso Escolar, algo semelhante ao ditado popular: de professor e louco no Ensino Religioso todos temos um pouco.

# Referencias

CACCIATORE, O. G.. 1977. *Dicionário de cultos afro-brasileiros.* Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1977.

FOUCAULT, MICHEL. 2010. *A Ordem do Discurso.* São Paulo : Loyola, 2010.

MAINGUENEAU, DOMINIQUE. 2008**.** *Gênese dos Discursos.* São Paulo : Parábola, 2008.

1. Doutor em Ciências da Religião (Unicap) – e-mail: costaleitefabiano@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Além de descritores que são explícitos como o EF05ER05, diversos descritores como os EF07ER03 e o EF08ER e o EF09ER05 fazem-se necessários estabelecer também um diálogo com as religiões afro-brasileiras. [↑](#footnote-ref-2)